

HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO TRIO ELÉTRICO

Rosimario de Aragão Quintino¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre o desfile do clube carnavalesco pernambucano Vassourinhas de Recife na cidade de Salvador-Bahia no começo da década de 1950 e a criação do trio elétrico, desfile esse elencado por Osmar Macedo, um dos inventores do trio elétrico, como o principal motivador para a invenção do trio elétrico. Utilizaremos como fontes matérias de jornais soteropolitanos do período que versam sobre o desfile do Vassourinhas na capital baiana, e confrontaremos essas matérias com entrevistas concedidas por Osmar Macedo a pesquisadores, visando identificar a data em que o trio elétrico desfilou pela primeira vez na capital baiana, bem como analisar os direitos narrativos de Osmar Macedo sobre a História da narração de seu invento.

Palavras-chave: Trio Elétrico. Carnaval. Osmar Macedo.

Considerando que “o Brasil não é o ‘país do carnaval’, como se lê no título do romance de Jorge Amado e sim um país de ‘muitos carnavais’, como se ouve na canção de Caetano Veloso”², nota-se que os festejos momescos no Brasil possuem particularidades específicas em cada um dos locais em que são realizados. Entre esses “muitos carnavais”, existe o carnaval soteropolitano, que tem o trio elétrico como um de seus elementos mais importantes.

Na primeira metade do século XX, a participação nos festejos do carnaval no centro da cidade de Salvador se dava principalmente a partir da adesão a algum grupo carnavalesco, seja um bloco, uma associação entre vizinhos e/ou familiares, ou enquanto espectador da festa, festa essa em que as diferenças sócio-raciais estavam presentes. Com o surgimento do trio elétrico “instaurou-se uma espécie de zona liberada, território livre onde todas as distinções vão por água abaixo, principalmente a social”³. . O trio elétrico provocou uma nova forma de “brincar” o carnaval em Salvador, onde todos poderiam participar da festa, sem distinção de raça/etnia ou condição social, e de forma individual. O espectador também é abolido com a chegada do trio elétrico, pois:

Na verdade, o carnaval ignora toda a distinção entre atores e espectadores. Também ignora o palco, mesmo na sua forma embrionária. Pois o palco teria destruído o carnaval (e inversamente, a destruição do palco teria destruído o espetáculo teatral). Os

espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval existe pela sua própria natureza para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida que não a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente⁴.

O final dos anos 1940 e o início dos anos 1950 foi um período marcante para a cultura carnavalesca baiana, pois data desse período o surgimento do Afoxé Filhos de Gandhi e a criação do trio elétrico⁵. O trio elétrico, invenção do mecânico Osmar Macedo e do radiotécnico Adolfo Nascimento, apelidado de Dodô, desfilou pelas ruas de Salvador pela primeira vez com o nome de “dupla elétrica”, nome com que Dodô e Osmar se exibiam em Salvador, e que fazia menção ao instrumento que ambos tinham criado, o “pau elétrico” ou “guitarra baiana”. No ano seguinte, fizeram o convite a um amigo, Temístocles Aragão, que o aceitou e assim constituiu-se o “trio elétrico”, nome que passou a caracterizar o caminhão de som.

A versão tradicionalmente aceita acerca da criação do trio elétrico tem como referência um dos seus inventores, Osmar Macedo, que demarca o ano de 1950 como o ano em que ocorreu o primeiro desfile do trio. Em entrevistas concedidas a pesquisadores⁶, Osmar vincula a criação do trio elétrico ao desfile do clube carnavalesco pernambucano Vassourinhas de Recife, que teria desfilado pelas ruas da capital baiana na quarta-feira da semana que antecedeu o carnaval de 1950. O frevo de rua pernambucano influenciou fortemente a musicalidade do trio elétrico, sendo essa influência perceptível na sonoridade e em algumas letras de músicas criadas para serem tocadas no trio elétrico.

Osmar e seu parceiro Dodô adaptaram as músicas de frevo para serem tocadas por instrumentos criados por eles (o “pau elétrico”, ou “guitarra baiana”), criando aquilo “que Caetano Veloso chamou de ‘o frevo novo’, ou ‘frevo da Bahia’ como mais tarde denominariam Dodô e Osmar no ‘Frevo do trio elétrico’⁷. Em entrevista concedida a Ayêska Paulafreitas em 1995, Osmar afirmou que:

Passou aqui num navio, numa quarta-feira, no navio Pedro II, um navio do Loyd Brasileiro. Então, o navio parou aqui, ia sair de noite,

mas o governador Otávio Mangabeira fez um pedido para retardar o navio, para o Vassourinhas fazer uma exibição pública na Av. Sete. E isso foi feito, anunciado. A Bahia quase inteira foi pra Av. Sete ver o desfile dos Vassourinhas. Eu estava lá com Dodô. Cento e cinquenta metais: trombones, saxofones, tudo instrumento de sopro. Com a corda, cordão de isolamento. E eles começaram lá pelo Campo Grande e vieram em direção à Praça da Sé, à Praça Castro Alves. [...] E lá vinham eles, iam pela Av. Sete, e eu também no meio da folia, pulando atrás, do lado. Foi uma loucura tão grande, o povo pulando... Nunca se tinha visto frevo aqui na Bahia. [...] Foi aí que eu dei a ideia pra Dodô: Dodô, vamos sair tocando essa música. Que eu já sabia algumas das músicas. Música de Nelson Ferreira, de Capiba... Fervo rasgado, aquele frevo. O principal era o que se toca até hoje, você sabe qual é. (CANTA VASSOURINHA) Aí nós preparamos a fobica – a fobica é um Ford 29⁸.

Segundo Osmar, o desfile do Vassourinhas foi tão contagiante e atraiu uma quantidade tão grande de pessoas que acabou criando uma confusão que interrompeu o desfile. Em entrevista concedida a Fred Góes no ano de 1979, ele afirmou que:

... Era povo por todos os lados da fanfarra. Lá pela altura da Ladeira de São Bento a confusão era de tal ordem que um dos músicos acidentou-se, em virtude de um encontrão com um entusiasmado seguidor. A boquilha do instrumento entrou na boca do músico, quebrando-lhe os dentes. Diante do ocorrido, a orquestra parou de tocar e quem estava na rua Chile, aguardando o desfile, perdeu a oportunidade única de ver e ouvir o Vassourinhas. Os músicos foram acolhidos no Palácio do Governo, o da Aclamação, e a massa dispersada por motivo de segurança...⁹

Macedo credita ao desfile do Vassourinhas a principal motivação para a criação do trio elétrico, e ele e Dodô, com o trio, buscariam proporcionar a população soteropolitana o mesmo êxtase que o desfile do Vassourinhas proporcionou, e tentariam “fazer uma bela farra no carnaval que se aproximava”¹⁰. Ao descrever o primeiro desfile do trio elétrico, Macedo compara o público que acompanhava o trio com o público que acompanhou o desfile do Vassourinhas:

(...) Quando despontamos na avenida, acabamos com o curso, pois vinha atrás de nós uma massa compacta de gente que, a exemplo do que ocorrera na quarta-feira com o Vassourinhas, pulava e se divertia como nunca antes ocorrera na Bahia. Nossa emoção era enorme; mais de 200 metros de povo atrás da fubica¹¹.

Em pesquisa nos jornais soteropolitanos, constata-se que o desfile do Vassourinhas aconteceu no dia 29 de janeiro de 1951, diferentemente da afirmação de Osmar de que o desfile ocorreu na quarta-feira anterior ao carnaval de 1951. A edição

de 23 de janeiro de 1951 do jornal A Tarde traz uma matéria se referindo a articulação para a realização do desfile.

Quando recentemente estive no Recife o jornalista Odorico Tavares, diretor do “Associados”, foi o mesmo procurado pela direção do “Vassourinhas” para tratar de uma exibição do famoso bloco na Bahia, quando da sua passagem ao Rio. Traçados os planos, o referido jornalista se comunicou com o governador Mangabeira e este se prontificou a colaborar com os frevistas recifenses. Assim, ficou certa a visita¹².

Essa articulação mostra que o desfile do Vassourinhas não aconteceu de forma casual, como afirmou Osmar, mas que foi algo planejado. A Rádio Sociedade da Bahia, que desde o ano de 1940 fazia parte do grupo de comunicações Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand, contratou o Vassourinhas para realizar esse desfile na capital baiana, contando com o apoio do governador do Estado da Bahia Otávio Mangabeira para realização desse intento¹³. Sobre a expectativa criada pela exibição do Vassourinhas, a mesma edição do jornal traz que:

Ao ser anunciada a vinda segunda-feira próxima do Clube Vassourinhas, de Pernambuco, recrudescer o entusiasmo reinante em todos os setores carnavalescos desta capital. Será de fato um verdadeiro sucesso a festa da noite da segunda-feira, na cidade alta, quando o simpaticado clube se exhibirá com seus 200 figurantes¹⁴.

No dia da exibição do Vassourinhas, 29 de janeiro, o jornal Estado da Bahia conclama o povo a participar do desfile, ressaltando o apoio dos clubes carnavalescos da cidade ao desfile e a participação de dois jornalistas pernambucanos que vieram fazer a cobertura jornalística do desfile¹⁵.

Os integrantes do Vassourinhas vieram a Salvador a bordo do navio “Santarém”, atracando no porto de Salvador as 14 horas. Foram recepcionados por “delegações dos diversos clubes [carnavalescos soteropolitanos], autoridades e elementos de nossa sociedade, além de membros da colônia pernambucana”¹⁶. Antes do navio atracar, a orquestra tocou três frevos, que foi dançado pelas pessoas presentes nos cais 2, 3 e 4 do porto da cidade¹⁷.

Após exibição na sede do clube Cruz Vermelha, o Vassourinhas iniciou seu desfile, saindo do Campo Grande rumo a Praça da Sé. Fizeram uma apresentação para o governador Otávio Mangabeira e para a primeira-dama no Palácio da Aclamação (antiga residência oficial do governo do Estado da Bahia), e continuaram o desfile com a multidão os acompanhando.

Devido ao grande número de pessoas que acompanhou o desfile (aproximadamente 80 mil pessoas, segundo a edição de 30 de janeiro do jornal Estado da Bahia) e a ausência de um cordão de isolamento entre o público e a orquestra, esta não conseguiu se manter unida, fazendo com que os músicos e assistentes se dispersassem ao longo da Avenida Sete de Setembro. Essa dispersão, aliada a ferimentos sofridos pelos músicos, fez com que o bloco não completasse o desfile. O tenente Cícero, diretor da orquestra do Vassourinhas, em entrevista ao jornal Estado da Bahia no dia seguinte ao desfile, falou sobre os problemas durante o desfile:

Logo nos primeiros metros naquele apinhado de gente começaram a ocorrer acidentes. Vários músicos, apertados por todos os lados, levaram quedas e o instrumental foi sofrendo vários danos. Por outro lado ainda em consequência do crescido número de pessoas, havia encontrões e estando os músicos usando o instrumental vários se feriram na boca, havendo, inclusive dentes quebrados e lábios partidos. Em vista disso bem como a dispersão do bloco no meio do povo acabamos por verificar ser impossível completar o desfile¹⁸.

Mesmo com todos os problemas durante o desfile, o tenente Cícero pediu desculpas ao povo baiano por não terem conseguido completar o trajeto e agradeceu pela calorosa e concorrida recepção.

Tendo em vista que o desfile do Vassourinhas aconteceu no dia 30 de janeiro de 1951, na terça-feira que antecedeu o carnaval, e não na quarta-feira anterior ao carnaval de 1950 (15 de fevereiro de 1950) como afirmava Osmar Macedo, cremos que o primeiro desfile do trio elétrico aconteceu na primeira semana do mês de fevereiro de 1951.

Devido a morte do sogro de Osmar, Armando Meireles, um dos grandes incentivadores da dupla, Dodô e Osmar se ausentam do carnaval de Salvador no período 1961-1973, retornando com o trio elétrico Armandinho, Dodô e Osmar em 1974 como preparação para o jubileu de prata (comemoração dos 25 anos) do trio elétrico, comemorado no carnaval do ano seguinte. Osmar (re)criou a data de nascimento do trio elétrico por motivos que não nos parecem claros. Para essa comemoração:

O organismo de turismo do Estado, a Bahiatursa, prepara uma maciça propaganda do Carnaval, prevendo lucros fabulosos com o evento. Por sua vez, o Governador, que até quase as vésperas da grande festa não se havia manifestado, resolve receber a Dupla em palácio, oferecendo-lhes o restante do dinheiro necessário, parte pago antes das comemorações, e parte passado o Carnaval. Para a entrega do cheque, o Sr. Antônio Carlos Magalhães, que não costuma perder oportunidade em nada que tenha repercussão junto ao grande público, faz-se fotografar junto a Dodô e Osmar para a capa do Diário Oficial

de 24 de janeiro de 1975, e, em pagamento ao *donativo* que entrega aos criadores do trio, garante a gravação pelo conjunto do “jingle” de sua propaganda político-populista trieletrizado, cuja letra abaixo transcrevo:

A BAHIA VAI BEM

A Bahia vai bem / Como vai meu bem querer / A Bahia vai bem / Obrigado a você / Estado que mais se agiganta / Paisagem mais linda do nosso país / Trabalhando com amor e cantando / O povo baiano é um povo feliz / A Bahia vai bem¹⁹.

Essa articulação com o poder político local, iniciada por um dos grandes propagadores do fenômeno trio elétrico, Orlando Campos, dono do trio elétrico Tapajós, que já na primeira exibição de seu trio, desfilou em Periperi, bairro do subúrbio de Salvador, com a ajuda do vereador Armando Ulm²⁰, tornou-se marcante na relação entre o trio elétrico e o poder político, com o trio elétrico sendo utilizado por diversos políticos em suas campanhas. Curiosamente, também para o trio elétrico Tapajós os dados de sua criação não são claros, variando entre 1955 e 1958. A diretoria do Tapajós optou em comemorar o jubileu de ouro (comemoração dos 50 anos) do primeiro desfile em 2005.

A memória, tanto a coletiva como a individual, é seletiva. Ela se constitui a partir de interações sociais, e as lembranças individuais são resultados dessas interações²¹. Ao elencar o desfile do Vassourinhas como referencial para a invenção do trio elétrico, bem como o apoio do governador Otávio Mangabeira para a realização desse desfile, Osmar fala como membro de um grupo social que foi impactado por esse desfile.

Entre os fatores que podem ter motivado Osmar a (re)inventar a data de criação de seu invento, há o fato de 1950 ser uma “data redonda”, o que tornaria mais fácil a demarcação de uma data símbolo; uma estratégia para angariar financiamento público, tendo em vista que 1975 foi o último ano em que Antônio Carlos Magalhães esteve a frente do governo do Estado da Bahia em seu primeiro mandato; ou alguma escolha proposital com algum tipo de intencionalidade desconhecida. Não pretendemos julgar os motivos que levaram Macedo a (re)inventar a data de criação do seu invento, pois como diz o célebre historiador francês Marc Bloch²², devemos tentar compreender as ações humanas e não julgá-las.

O trio elétrico, um dos símbolos maiores da especificidade do carnaval soteropolitano, fez de Osmar Macedo, um de seus inventores, uma pessoa querida e admirada pela sociedade baiana, que possuía saberes que o davam poderes²³, como o de

criar uma data de nascimento para um fato tão marcante na História do carnaval baiano e não sofrer grandes questionamentos, uma vez que ele era (e ainda é) uma grande referência acerca da criação desse objeto significativo, o fazendo deter o “poder” em relação aos direitos narrativos sobre a História da criação do trio elétrico.

As práticas culturais, econômicas, sociais, entre outras, formam domínios de saber, que, no limite, fazem nascer novas formas de sujeitos que se constituem no interior da História, e cremos que foram essas práticas culturais que legitimaram o discurso de Osmar.

Entendemos os motivos do não-questionamento da afirmação de Osmar no momento que compreendemos a influências dos símbolos que definem aspectos de uma dada sociedade e referendam pessoas enquanto ícones culturais de sustentação dessa construção, fazendo dos discursos e ações destas, um lugar de segurança para a afirmação de um dado estereótipo que garante este lugar de conforto e representação diante outras comunidades e sociedades, bem como e principalmente em meio a sua própria comunidade²⁴.

Acreditamos que a criação dessa data símbolo por Osmar não afetou o imaginário social das pessoas que viveram o momento do primeiro desfile do trio e viram Osmar a reinventar, pois até mesmo a concepção simbólica ligada a criação desse objeto não é fixa, ela se estabelece na importância do evento para a representação da cidade de Salvador e do estado da Bahia para o país.

NOTAS

¹ Graduando do curso de licenciatura em História da Faculdade São Bento da Bahia. Endereço Eletrônico: rosimarioaragao@hotmail.com.

² RISÉRIO, Antônio. Carnaval: As cores da mudança. *Afro-Ásia*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, n. 16, p. 90, set. 1995.

³ RISÉRIO, Antônio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981. p. 13.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987. p. 6.

⁵ GUERREIRO, Goli. História do Carnaval da Bahia: O Mito da Democracia Racial. *Bahia Análise e Dados*. Salvador: CEI, v. 3, n. 4, p. 102, mar. 1994.

⁶ GÓES, Fred de. *O país do carnaval elétrico*. Salvador: Corrupio, 1982. 122p. Coleção Baianada, 4; PAULAFREITAS, Ayêska. Trio elétrico: Mídia sonora genuinamente brasileira. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005, 15p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0433-1.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2012.

⁷ GÓES, Fred de, op. cit., p. 37.

⁸ MACEDO, 1995 *apud* PAULAFREITAS, op. cit., p. 3.

⁹ Id., 1979 *apud* GÓES, op. cit., p. 17-18.

¹⁰ Id., *apud* GÓES, Fred de. *50 anos do trio elétrico*. Salvador: Corrupio, 2000. p. 12.

¹¹ Id., *apud* id., *ibid.*, p. 14.

¹² QUINTA-FEIRA, o desfile do “Vassourinhas”. *A Tarde*. Salvador, 23 jan. 1951. Caderno Carnaval, p. 8.

¹³ A CIDADE ansiosa pelo desfile do Vassourinhas na próxima segunda-feira. *Estado da Bahia*. Salvador, 27 jan. 1951. Caderno O carnaval vem aí, p. 7.

¹⁴ Id., *ibid.*

¹⁵ FINALMENTE, hoje, a exibição do Clube Vassourinhas. *Estado da Bahia*. Salvador, 29 jan. 1951. Caderno O carnaval vem aí, p. 3.

¹⁶ A MAIOR massa humana jamais vista na Bahia. *Diário de Notícias*. Salvador, 30 jan. 1951, p. 1.

¹⁷ IMENSA multidão ocorreu às ruas. *Estado da Bahia*. Salvador, 30 jan. 1951, p. 3.

¹⁸ O POVO envolveu o “Vassourinhas” numa calorosa recepção. *Estado da Bahia*. Salvador, 30 jan 1951, p. 10.

¹⁹ GÓES, Fred de. *O país do carnaval elétrico*. Salvador: Corrupio, 1982. Coleção Baianada, 4. P. 82.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 60-61.

²¹ Cf. HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2011.

²² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 125-128.

²³ A relação saber-poder é apresentada por Michel Foucault em muitas obras. Para Foucault, as relações que movem as ações das pessoas no mundo são relações de poder, sempre num sentido de movimento, não de opressão, mas de troca contínua de papéis. Contudo, essa relação é mediada pelos saberes, que num dado momento legitimam as pessoas para o direito a dizibilidade e visibilidade social.

²⁴ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.